

TRABALHO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO AOS PORTADORES DE HANSENÍASE: um olhar para o território da Estratégia Saúde da Família

Francisco Rosemiro Guimarães Ximenes Neto¹

Ana Elza Fontenele Rocha²

Antônio Emanuel Martins Bezerra³

Maria do Socorro Carneiro Linhares⁴

Isabel Cristina Kowal Olm Cunha⁵

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa, que acomete principalmente, nervos e pele, necessitando de uma atenção mais qualificada ao nível de Atenção Primária à Saúde (APS), fato que congrega o trabalho interdisciplinar da equipe da Estratégia Saúde da Família (ESF), em que está inserido o enfermeiro. A hanseníase é causada pelo *Mycobacterium leprae*, conhecido também como bacilo de Hansen, que é um parasita intracelular obrigatório, e possui afinidade por células cutâneas e nervos periféricos, multiplicando-se no organismo do sujeito infectado¹. Levando-se em consideração as últimas recomendações do Sistema Único de Saúde (SUS), cabe aos municípios organizar os serviços de APS para acolher e tratar os sujeitos com hanseníase, e atribuindo aos Estados, as funções de normatização, avaliação e assessoria técnica. ² O enfermeiro, como integrante da equipe da ESF, é o responsável por realizar Consultas de Enfermagem que propiciam a identificação dos fatores de risco e de adesão no tratamento dos sujeitos com hanseníase, sendo, dessa forma, profissionais de saúde aptos a executarem ações de diagnóstico, prevenção e tratamento no território da ESF³. O estudo objetiva descrever o processo de trabalho dos enfermeiros no cuidado aos portadores de hanseníase no território da ESF. O estudo é do tipo exploratório-descritivo, com abordagem quantitativa, realizado com os 55 enfermeiros da ESF do município de Sobral – Ceará, durante o período de junho a agosto de 2008. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário contendo perguntas abertas e fechadas, acerca do processo de trabalho do enfermeiro no cuidado aos sujeitos com hanseníase. Os dados foram analisados estatisticamente, com cálculos de frequência absoluta e percentual. Os resultados quantificaram-se considerando as variáveis: identificação, diagnóstico/tratamento dos casos de hanseníase e seus comunicantes; prevenção e tratamento das incapacidades físicas; funções da vigilância epidemiológica. Em relação à identificação e acolhimento dos casos, os valores mostraram que: 49% realizam busca ativa de casos novos no território; 41% realizam visita ao lar para identificação e tratamento de casos; 49% desenvolvem acolhimento aos sujeitos e suas famílias com hanseníase; e 45% realizam triagem. Quanto ao diagnóstico dos casos: 36% realizam diagnóstico clínico dos casos, por meio da avaliação dermatoneurológica; e 37% solicitam exames laboratoriais. Quanto ao tratamento realizado: 34% prescrevem tratamento paucibacilar; 35% prescrevem tratamento multibacilar; 52% realizam dose supervisionada mensal durante a consulta mensal 36% prescrevem analgésicos; 52% prescrevem hidratantes para a pele; 20% realizam acompanhamento e desmame do tratamento do estado reacional com corticoides; 55% realizam controle e acompanhamento do tratamento de paucibacilares e multibacilares; 34% realizam acompanhamento dos estados reacionais pós-alta por cura; 34% realizam o curativo das feridas. Quanto aos comunicantes: 53% realizam pesquisa de

¹Enfermeiro Sanitarista. Mestre em Saúde Pública. Doutorando pelo GEPAG/UNIFESP. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA e do Mestrado Profissional em Saúde da Família, UVA/FIOCRUZ. E-mail: rosemironeto@gmail.com.

²Enfermeira Graduada pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA.

³Enfermeiro Graduated pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA.

⁴Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA.

⁵Enfermeira. Doutora em Saúde Pública. Professora Adjunta e Líder do GEPAG da UNIFESP, São Paulo.

comunicantes; 50% realizam exame dermatoneurológico de comunicantes; 51% orientam/realizam a administração da vacina BCG nos comunicantes intradomiciliares; 50% realizam o controle dos comunicantes. Em relação a prevenção e tratamento das incapacidades físicas advindas com a doença: 48% realizam avaliação das incapacidades físicas: 42% desenvolvem ações de prevenção e tratamento das incapacidades físicas: 51% orientam o cliente para o auto-cuidado com o nariz, olhos, mãos e pés. No que diz respeito às ações da vigilância epidemiológica: 53% realizam notificação dos casos: 53% preenchem a ficha de investigação epidemiológica: 42% realizam vigilância epidemiológica do território: 41% realizam, com a equipe, a avaliação dos indicadores epidemiológico-operacionais da hanseníase no território: 51% realizam controle de casos ativos de hanseníase: 54% realizam busca ativa de sujeitos faltosos: 46% preenchem o livro de controle dos casos; 36% realizam a alta estatística para o fechamento de casos em abandono. Diante dos resultados apresentados, percebe-se a diversidade das ações realizadas pelos enfermeiros no cuidado ao sujeito com hanseníase, evidenciando a importância dessa categoria profissional nos territórios da ESF. A totalidade das porcentagens apresentadas mostra que os sujeitos com hanseníase são acompanhados pelos enfermeiros desde a visita ao lar para a identificação de novos casos, diagnóstico, tratamento, acompanhamento, controle dos comunicantes, até o fechamento da estatística epidemiológica no município. Partindo-se do pressuposto de que o enfermeiro da ESF possui papel fundamental para a prevenção, diagnóstico e tratamento da hanseníase, compreender seu processo de trabalho torna-se uma ferramenta de redimensionamento para atender, com integralidade, os doentes na APS. Dessa maneira, discutir acerca das ações realizadas pela enfermagem nessas unidades de saúde, concretiza-se numa estratégia de subsidiar e fortalecer as práticas voltadas para o controle da doença nos territórios da ESF. A dimensão das atividades desenvolvidas pelos enfermeiros exigem capacitações mais frequentes, objetivando a adequação e atualização da assistência prestada, por meio de ações de educação em saúde como prática que aperfeiçoa o cuidado aos doentes. Vale ressaltar a importância de potencializar a busca ativa de casos de hanseníase para a detecção de novos casos, possibilidade de diagnóstico precoce e, possivelmente, de mudança positiva nos indicadores epidemiológicos da doença.

Descritores: Programa Saúde da Família; Trabalho; Enfermagem.

Referências

1. Secretaria Municipal da Saúde (São Paulo). Doenças e agravos.[citado em: 2013 Nov 16]. Disponível em: <http://www2.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/saude/vigilanciasaude//doencaagravo/0001>
2. Pereira AJ, Helene LM, Pedrazini ES, Lavieri C, Almeida CSCV. Atenção básica de saúde e a assistência em Hanseníase em serviços de saúde de um município do Estado de São Paulo. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília. 2008; 61(esp): 716-25.
3. Silva Júnior FJG, Ferreira RD, Araújo OD, Camêlo SMA, Nery IS. Assistência de enfermagem ao portador de Hanseníase: abordagem transcultural. Rev Bras Enferm, Brasília. 2008; 61(esp): 713-7.

Eixo 2: Questões antigas e novas da pesquisa em enfermagem.

Área temática 7: Políticas e Práticas em Saúde e Enfermagem.